

Anais XVII Semana de Psicologia da UEM e IX Seminário de Pesquisa da Pós-Graduação em Psicologia da UEM
Saúde mental: as dimensões políticas da Psicologia – 24 a 27 de outubro de 2016

Universidade Estadual de Maringá ISSN 2358-7369

POR UMA FORMAÇÃO DE INDIVÍDUOS CONSCIENTES E ENGAJA DOS NA SUPERAÇÃO DA DESIGUALDADE ENTRE OS GÊNEROS: CONTRIBUIÇÕES DA PSICOLOGIA HISTÓRICO CULTURAL

Ana Caroline Toffanelli (Departamento de Pós Graduação em Psicologia, Universidade Estadual de Maringá, Maringá-PR, Brasil); Adriana de Fátima Franco (Departamento de Pós Graduação em Psicologia, Universidade Estadual de Maringá, Maringá-PR, Brasil).

contato: caroltoffanelli@gmail.com

Este trabalho elege como objeto a sexualidade humana, pontuando as contribuições que a ótica da Psicologia Histórico Cultural pode oferecer em busca da superação dos papéis de gênero tal como estão hoje distribuídos. Compreende-se neste sentido que o cotidiano violento do qual faz parte a população feminina e não-heterossexual não é de ordem natural e inevitável, mas sim fruto de um processo histórico marcado pela desigualdade e colonização d o gênero feminino pelo gênero masculino, e que deve ser tratado com urgência pela Psicologia: obedecer ao jargão de que a sexualidade compete apenas à vida íntima dos indivíduos, é o mesmo que, mediante naturalização, silenciar a brutalidade de fenômenos como a homofobia, a transfobia, a lesbofobia e a misoginia. Como nos afirma Kollontai (2011) sobre o amor – e, conseqüentemente, sobre as dimensões que ele a barca no decorrer da história humana, incluindo aí as relações entre o gênero feminino e masculino – não ser um assunto privado, mas sim

(...) de um valor incalculável para a coletividade, isto se evidencia no fato de que, em todos os graus de seu desenvolvimento histórico, a humanidade estabeleceu regras que determinavam quando e em que condições o amor era considerado legítimo (ou seja, quando correspondia aos interesses da coletividade) e quando teria de ser considerado como culpado (ou seja, quando o amor se encontrava em contradição com a sociedade) (Kollontai, 2011, p. 108).

Em direção à afirmação de Kollontai (2011), pode-se afirmar que há na coletividade dos assuntos referentes ao amor e às relações entre os gêneros dados que tornam insustentável a afirmação de que estas questões remetem à esfera privada: de acordo com Waiselfisz (2015), o Sistema de Informações de Mortalidade (SIM) aponta que,

XVII Semana de Psicologia da UEM
IX Seminário de Pesquisa da Pós-Graduação em Psicologia da
UEM Saúde Mental: as Dimensões Políticas da Psicologia
24 a 27 de Outubro de 2016

dos 4 762 feminicídios registrados em 2013, 2 394 partiram de um familiar da vítima, e 1 583, do parceiro ou ex-parceiro; e, em relação à violência à população que não se enquadra na norma da heterossexualidade. De acordo com o Relatório sobre Violência Homofóbica no Brasil (BRASIL, 2012), em 2012 o poder público registrou 3 084 denúncias de 9 982 violações relacionadas à população LGBT. Crer que a violência presente nessas relações são decorrentes da natureza humana, e não do produto histórico de séculos de opressão entre os humanos, é dar vazão à uma compreensão incompleta sobre o psiquismo humano – o que implica, neste caso, em assentir, ainda que sob o jugo da ignorância, com a manutenção de práticas opressoras. Com o objetivo de investigar para além da aparência estatística deste números, o presente trabalho busca, por meio do método de análise materialista, histórico e dialético e do levantamento bibliográfico, analisa-los como produto histórico da humanidade, tomando o humano como um ser ativo, histórico e social, capaz de transformar a realidade na qual está inserido – justifica-se, assim, a importância dos estudos da Psicologia Histórico Social no que tange à possibilidade da formação de uma consciência desenvolvida em suas máximas possibilidades, engajada na coletividade e na superação das relações opressoras entre os humanos – e neste trabalho, especificamente, na superação da opressão do gênero feminino pelo gênero masculino. Em relação ao desenvolvimento e a compreensão do humano enquanto síntese de múltiplas determinações, Vigotski (2000), ao destacar que, no que diz respeito ao desenvolvimento humano, o que deve ser estudado com maior afinco é o processo – e não, o produto –, afirma que os aspectos orgânicos e culturais devem ser analisados como instâncias que, apesar de se entrelaçarem no curso do desenvolvimento, não devem ser analisadas como sendo a mesma coisa. Para o autor, “é a sociedade, e não a natureza, que deve configurar em primeiro lugar como o fator determinante da conduta humana. Nisto consiste toda a ideia do desenvolvimento cultural da criança (VIGOTSKI, 2000, p. 58)”. Pode-se afirmar assim que Vigotski, ao analisar o desenvolvimento humano em sua unidade contraditória – orgânico e cultural –, assim como ensina o método de Marx, supera as antigas concepções de desenvolvimento, que se baseavam na análise por elementos isolados, ou na dissolução dessa unidade em um único fenômeno: ao afirmar que os humanos não são apenas influenciados pelo meio, mas sim determinados, Vigotski se esquivava da compreensão de que somos, até certa medida, passivos em relação à natureza

XVII Semana de Psicologia da UEM
IX Seminário de Pesquisa da Pós-Graduação em Psicologia da
UEM Saúde Mental: as Dimensões Políticas da Psicologia
24 a 27 de Outubro de 2016

e também à nossa conduta, isto é, de que o sujeito amadurece de forma natural, podendo ter esse amadurecimento adiantado ou reprimido pelo meio no qual está inserido, tal qual tratamos o crescimento das plantas. A superação desta compreensão de desenvolvimento leva, conseqüentemente, à superação do pensamento de que determinados traços de nossa personalidade são delimitados pela genética como, por exemplo, os estudos biológicos acerca da suposta existência do gene responsável pelo comportamento homossexual em humanos: compreendemos, nesse sentido, que incorporar um produto histórico – a preferência sexual por determinado gênero – à tendências do DNA do indivíduo é desviar o caminho da análise de um fenômeno em sua totalidade, fragmentando-a e reduzindo-a à inevitabilidade do corpo orgânico. Assim, quando compreendemos que a conduta humana é guiada pela sociedade, e não pela natureza, afirmamos que o meio determina – e não, influencia – a nossa personalidade, que nada é senão a síntese das formações psíquicas, desenvolvidas culturalmente e objetivadas na forma de ser do indivíduo (MARTINS, 2011). Nota-se, a partir das considerações sobre a compreensão de desenvolvimento para a Psicologia Histórico Cultural, que a afirmação de que a conduta humana é culturalmente – e não, naturalmente – determinada dá espaço para muito que se discutir, política histórica e socialmente sobre a organização da sexualidade humana: o processo de humanização leva o sexo para o crivo da cultura, e o deixamos de considerar como fenômeno determinado pelo aparelho biológico. O presente texto trata, então, do desenvolvimento humano e, logo, também da sexualidade humana enquanto produto da história.

Pensa-

se, dessa forma, a história da organização familiar e sexual humana como diretamente atrelada à história da sociedade de classes, e não como um mecanismo intrínseco à constituição biológica do homem, que segue o padrão maturacional estabelecido pela natureza. Dessa forma, no que tange à busca pela compreensão de um fenômeno em sua totalidade, favorece-se a luta pela libertação feminina, mas sem que esta esteja despartada, ou – pelo contrário – dissolvida na luta de classes, compreendendo que a mudança da ordem econômica não acarretará por consequência direta o fim da desigualdade de gênero: é importante que se trabalhe o fenômeno da inferiorização do gênero feminino em unidade com a questão da luta de classes. Faz-se importante destacar, nesta direção que, diferentemente da noção de patriarcado, o gênero nasce com a história dos homens, abarcando todas as transformações das relações humanas, sendo

XVII Semana de Psicologia da UEM
IX Seminário de Pesquisa da Pós-Graduação em Psicologia da
UEM Saúde Mental: as Dimensões Políticas da Psicologia
24 a 27 de Outubro de 2016

muito melhor aceito e mais neutro – e, por isso, mais ideológico (SAFFIOTI, 2004). Vista sua amplitude, pode-se, assim, trabalhar o gênero enquanto construção social sem que nos atenhamos à desigualdade por ele promovida; podemos elucubrar demoradamente sobre as diversas manifestações do gênero, e as possibilidades de vir a ser, sem que voltemos o olhar para a violência que o sujeito que foge ao padrão heterossexual sofre nas ruas; mas não o podemos quando trabalhamos com o conceito de patriarcado: para Saffioti, “com o uso do termo patriarcado, perde-se em extensão, mas ganha-se em compreensão – entramos no reino da história” (SAFFIOTI, 2004, p. 139). Pensa-se, portanto, o patriarcado a partir do seu processo de instauração no ano 3 100 a.C., consolidando-se no ano 600 a.C. – partindo da divisão sexual de caça e coleta e estabilizando-se enquanto um sistema de relações sociais que garantem a subordinação da mulher ao homem (SAFFIOTI, 1987). Considera-se, assim, ser essencial a discussão sobre o gênero e de patriarcado, bem como suas possíveis etimologias e como formam unidade com a sociedade de classes. Compreende-se que tomar o desenvolvimento humano em sua dimensão histórica e social oferece subsídios metodológicos para investigar a condição feminina e o desenvolvimento da sexualidade nesta mesma direção: estes fenômenos, sendo determinados pela história e não pelo inatismo biológico, podem movimentar-se rumo à superação da violência e do preconceito que marcam sua história. Em vias de finalização, compreende-se que fez-se fundamental neste trabalho, portanto, os escritos de Vigotski acerca do processo de desenvolvimento do psiquismo e a possibilidade da formação – através de mediações adequadas, que voltem-se à emancipação humana – de indivíduos que estejam engajados na eliminação da exploração entre os humanos, base para a construção de uma nova sociedade coletiva. Finalmente, vê-se que o estudo pautado na Psicologia Histórico Cultural, ao conferir tratamento social à questão do desenvolvimento, toma o psiquismo humano como instância passível de transformação e revolução contínuas. Seria incoerente pensar, sob este viés, em uma sexualidade que é natural ou normal – assim como também o seria pensar as relações entre o gênero feminino e o gênero masculino tal como estão estabelecidas fora das normas ditadas pelo patriarcado e sua atual unidade com o capital.

XVII Semana de Psicologia da UEM
IX Seminário de Pesquisa da Pós-Graduação em Psicologia da
UEM Saúde Mental: as Dimensões Políticas da Psicologia
24 a 27 de Outubro de 2016

Palavras-chave: Gênero, Psicologia Histórico Cultural, Educação.

Referências

BRASIL. *Secretaria de Direitos Humanos. Relatório sobre violência homofóbica no Brasil: ano de 2011*. Brasília, DF: Secretaria de Direitos Humanos, 2012.

KOLLONTAI, A. *A nova mulher e a moral sexual*. 2ª Ed. São Paulo: Expressão Popular, 2011.

SAFIOTTI, H. (2004). *Gênero, Patriarcado e Violência*. 1ª Ed. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2004.

_____. *O Poder do Macho*. Editora Moderna, 1987.

VYGOTSKI, L. S. *Obras escogidas (tomo III)*. Madrid: Visor, 2000.

WASELFISZ, J. J. *Mapa da violência 2015: Homicídio de Mulheres no Brasil*. Brasília, 2015.